

AUTOPERCEÇÃO E IDENTIDADE LINGUÍSTICA EM COMUNIDADES DE PRÁTICA GAYS EM SALVADOR, BAHIA

Daniel da Silva Carvalho (ILUFBA)¹
danielcarvalho@ufba.br

Rafael Gurgel Almeida (IHAC/UFBA)²
mrgurgel95@gmail.com

RESUMO: Este estudo discute a escolha de expressões referenciais empregadas como marcas de referência específica de identidade na fala de homens gays brasileiros. O principal objetivo foi examinar a produção linguística de dois informantes de diferentes regiões socioeconômicas da cidade de Salvador, Bahia. Fez-se necessário considerar o traço *empatia* (KUNO, 1987) para analisar a fala dos informantes, particularmente com relação à reinterpretação de termos como “bicha”, “viado” e “mona” – tradicionalmente consideradas expressões depreciativas. A análise dos dados baseou-se na observação da filiação dos informantes em suas respectivas comunidades de prática, as quais são inicialmente definidas geograficamente. Observamos, entretanto, que a distribuição geográfica das tradicionais variáveis sociolinguísticas não é suficiente para definir as comunidades de prática observadas. Indexicalização é uma noção essencial uma vez que, fazendo o falante uso de expressões como “bicha” em momentos específicos, ele inaugura um contexto relevante para fixação do termo a um valor semântico. Resultados parciais mostram que o informante da parte mais rica da cidade compõe e participa da comunidade de prática gay desenvolve um senso positivo de pertencimento, e sua identidade é construída através de sua produção linguística. Expressões como “mona”, “viado” e “gay” são resignificadas e funcionam como expressões de referência específica. O informante da parte mais pobre da cidade, por sua vez, desenvolve um sentimento negativo e, linguisticamente, não se sente confortável em articular as construções de sua *persona* a termos como “viado”.

PALAVRAS-CHAVE: Empatia. Indexicalização. Fala gay. Identidade.

ABSTRACT: This study discusses the choice of referring expressions employed as specific reference marks of identity in Brazilian gay men speech. The main goal was to examine the linguistic production of two informants from different socio-economic regions of the city of Salvador, Bahia. It was necessary to consider the empathy feature (KUNO, 1987) to analyze the speech of informants, particularly with regard to the reinterpretation of terms such as *bicha* ‘fag’, *viado* ‘fagot’ and *mona* ‘girl’ – traditionally considered derogatory expressions. Data analysis was based on the observation of the membership of the informants in their respective communities of practice, which were initially defined geographically. We observed, however, that the geographical distribution of the traditional variables of Sociolinguistics is not enough to define the observed communities of practice. Indexicalization is an essential notion in that, as the speaker makes use of an expression like ‘bicha’ at specific times, he launches a relevant context for fixing the term to a semantic value. Partial results show that the informant from the richer part of the city composes and participates in the gay community of practice develops a positive sense of belonging, and identity is built through his linguistic production. Expressions such as ‘mona’, ‘viado’ and ‘gay’ are resignified and function as specific referring expressions. The informant from the poorer part of the city,

¹ Professor Associado do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA).

² Bacharelado em Artes pelo Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da Universidade Federal da Bahia.



in turn, develops a negative feeling and, linguistically, does not feel comfortable in articulating the construction of his *persona* to a term such as 'viado'.

KEYWORDS: Empathy. Indexicalization. Gay speech. Identity.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende examinar a produção linguística de dois informantes de diferentes regiões socioeconômicas da cidade de Salvador, Bahia, a fim de analisar a reinterpretação promovida pelos falantes de expressões tradicionalmente depreciativas, como *bicha*, *viado*, *passiva*, mas geralmente empregadas como marcas de referência específicas de identidade, a partir da noção do traço [empatia] proposto por Kuno (1987).

Este trabalho é um pequeno recorte do projeto “A língua na diversidade: um estudo sociolinguístico de gays soteropolitanos”, desenvolvido na Universidade Federal da Bahia, que procura observar a diversidade linguística em comunidades formadas pelas consideradas “minorias”, como a comunidade homossexual, por exemplo, cuja descrição dos usos linguísticos não é contemplada nos estudos da sociolinguística tradicional. Fruto desse projeto maior, a presente pesquisa traçou, a partir do embasamento teórico dos estudos de Robert J. Podesva (2002), os de Janny Cheshire (2005) e os trabalhos de Ronald B. Mendes (2011), e Raquel Freitag *at al.* (2012), um rápido paralelo entre as divergências e as aproximações pragmáticas que apareceram nas falas desses informantes durante a coleta de dados orais (entrevistas e conversa entre amigos). Para tanto, fizemos uso do quadro teórico-metodológico da Teoria da Variação Linguística (cf. LABOV, 2001), lançando mão de vertentes da chamada terceira onda dos estudos sociolinguísticos, preconizada por Eckert (2000) e Podesva (2002), assim como dialogamos com produções pós-estruturalistas, ressaltando as contribuições sobre a compreensão de gênero trabalhada por Butler (1990).

O tratamento dos dados foi realizado sob o arcabouço teórico-metodológico da terceira onda sociolinguística, considerando a variação, sobretudo, como recurso para a construção de significado social dentro de uma rede (ECKERT, 2012). Pretendeu-se,

portanto, verificar a produção linguística de dois informantes, ambos da faixa etária entre 18 e 25 anos, frequentadores de regiões diferentes (Orla e Centro) da cidade de Salvador, Bahia, a fim de se observar que traços linguísticos permitem identificar filiação a uma comunidade de prática. Percebeu-se a necessidade de considerar o traço [empatia] (KUNO, 1987) para analisar a fala desses informantes, sobretudo no que diz respeito à ressignificação de expressões como “bicha”, “viado” e “mona”, por exemplo – considerados, vernacularmente, expressões depreciativas. A análise dos dados baseou-se na observação da filiação dos informantes em suas respectivas comunidades de prática, que foram inicialmente definidas geograficamente. Percebeu-se, entretanto, que a distribuição geográfica, uma das variáveis tradicionais da Sociolinguística, não foi suficiente para definir as comunidades de prática observadas. A noção de *indexicalização* foi essencial para a definição de comunidade aqui utilizada: na medida em que o falante faz uso de uma expressão como “bicha” em momentos específicos, ele inaugura um contexto relevante para a fixação de tal termo a um valor semântico. Este valor, para a terceira onda Sociolinguística, precisa ser compartilhado por pessoas engajadas em um empreendimento comum.

Assim, partindo de estudos cada vez mais frequentes com relação à diversidade linguística no âmbito da identidade de gênero, propomos o rompimento com os paradigmas tradicionais no estudo sociolinguístico, cujas análises não contemplam a orientação sexual do indivíduo enquanto uma variável relevante para o estudo de sua produção linguística. Compreendemos, portanto, os homossexuais masculinos soteropolitanos enquanto participantes de Comunidades de Prática – agregado de pessoas que se engajam em algum empreendimento comum (FREITAG, MARTINS e TAVARES, 2012) –, e a língua enquanto um dos elementos através do qual falantes constituem suas identidades. Para tanto, iniciamos a seleção e montagem de um *corpus* que permita o tratamento dos elementos pronominais de referência de gênero nos dados – em especial quando termos como “bicha”, “viado” ou “gay”, por exemplo, deixam de ser empregados enquanto expressões adjetivais e passam a fazer referência de pessoa, mantendo referência de gênero (social) ambígua.

2 A DISTINÇÃO GÊNERO/SEXO NA SOCIOLINGUÍSTICA

Sobre os conceitos de gênero utilizados nos estudos sociolinguísticos, Wodak e Benke (1997) afirmam que as pesquisas correlacionando linguagem e gênero tiveram início com os trabalhos de Labov, nos anos 60. Nessa tradição, gênero é visto com sexo biológico, não sendo feitas considerações acerca da construção social do gênero. A intenção, nesse caso, é mostrar a correlação existente entre as variáveis linguísticas e o sexo (entre outras categorias sociais); com isso, o gênero é controlado da mesma forma que a escolaridade, a idade ou a classe social – importando, apenas, na medida em que é passível de ser estatisticamente medido.

Na tentativa de distinguir gênero e sexo, Chambers (1995), por exemplo, define duas categorias de variação:

I. Baseada no gênero (*gender-based variability*) – nesse caso, as diferenças linguísticas são explicadas em termos dos papéis desempenhados por homens e mulheres em relação à mobilidade deles em uma dada comunidade: quanto menor for o contato social e a variação geográfica de homens ou mulheres, maior será o uso, por esses indivíduos, das variantes do seu grupo de contato. Exemplo: Nichols (1983 *apud* CHAMBERS, 1995) identificou, em uma comunidade de pessoas negras na Carolina do Sul (Estados Unidos), que os homens tendem a utilizar as variantes do dialeto local mais frequentemente do que as mulheres. Explicação: esses padrões não são explicados pela questão do gênero em si mesmo, mas refletem diferenças individuais e grupais em relação à mobilidade e às interações com grupos não-nativos. As mulheres, por exemplo, tendem a se deslocar geograficamente e a ter relações sociais mais diversificadas do que os homens.

Nesse tipo de variação, o gênero desempenha um papel secundário em relação à mobilidade: trata-se, portanto, de variação baseada na mobilidade e não no gênero. A justificativa de Chambers (1995) para o nome atribuído a esse tipo de variação é de que a mobilidade é determinante na existência de diferenças linguísticas entre homens e mulheres.

II. Baseada no sexo (*sex-based variability*) – nesse caso, explicam-se as diferenças linguísticas a partir de diferenças biológicas (neuropsicológicas) entre homens e mulheres, que existem mesmo quando os papéis atribuídos ao gênero são ausentes (CHAMBERS, 1995, p. 104). Exemplificando, testes demonstram que: as mulheres possuem mais vantagens do que os homens em relação ao comportamento verbal; os homens tendem a apresentar distúrbios verbais mais frequentemente do que as mulheres; os homens são mais propensos a apresentar distúrbio de leitura e afasia (após caso de acidente cerebral); e eles são quatro vezes mais propensos a sofrer de autismo infantil e de dislexia do que as mulheres (CHAMBERS, 1995, p. 133).

Correlacionando os dois tipos de variação, Chambers (1995) levanta a hipótese de que a tendência de as mulheres assumirem papéis (relacionados ao gênero) que exijam maior mobilidade do que os homens pode ser o resultado (e não a causa) de sua vantagem sociolinguística inata.

Apesar de estipular essas duas categorias de variação, percebe-se que Chambers é bastante tradicional ao pautar a questão do gênero no sexo biológico e não no processo de produção da identidade ao qual o gênero – tido como construção social – está interligado. Na mesma direção de Chambers estão os estudos de Labov.

Diferentemente dos autores acima, Eckert e McConnell-Ginet (2003) defendem que ambas as categorias – sexo e gênero – não podem ser consideradas sinônimos, visto que o segundo é a elaboração social do primeiro. Para as autoras, por exemplo, a dicotomia menina-menino é a primeira a partir da qual a nossa identidade é formada. Meninas e meninos aprendem a ser femininas ou masculinos através das práticas sociais que existem nas diversas comunidades às quais eles pertencem. Assim, tem-se que: (i) meninas e meninos são tratados diferentemente por seus pais em relação ao padrão linguístico que esses utilizam, à maneira pela qual eles brincam com seus filhos ou aos brinquedos que eles escolhem para suas filhas e filhos; (ii) as meninas e os meninos se envolvem com os mesmos grupos sexuais durante grande parte da infância, o que significa que meninas e meninos são socializados em diferentes culturas de gênero – isto, por sua vez, influencia o comportamento verbal que elas/eles desenvolvem.

Eckert (2000) propõe que os estudos da variação linguística tenham como lócus de análise as comunidades de prática, que podem ser entendidas como espaços interacionais de construção de significados sociais onde as identidades, tanto individuais como grupais, estão sendo constantemente construídas. Assim, o gênero é uma construção social que ocorre em práticas sociais, as quais se vinculam a outras categorias sociais. Em sua teoria da variação tida como prática social, Eckert (2000) olha para os falantes como sujeitos que, ao se inserirem em práticas sociais, constituem categorias sociais e constroem (e respondem a) o significado social da variação. Com isso, é inerente ao fenômeno de variação/mudança linguística o processo de constituição da identidade dos indivíduos, pois é nesse processo (que envolve também a constituição do gênero) que as variáveis linguísticas assumem valor social.

Essa abordagem do gênero se enquadra naquela que é considerada a terceira onda nos estudos sociolinguísticos. A sociolinguística tem por objeto de estudo os padrões observáveis de comportamento linguístico nas práticas de uso, se ocupando, assim, das relações entre língua e sociedade por meio da investigação empírica. Seu enfoque está destinado, principalmente, aos usos linguísticos concretos e ao caráter heterogêneo da língua. Em seus desenvolvimentos, considera-se que a sociolinguística apresenta três níveis de análise distintos, chamados de “ondas”: A primeira onda, através do estabelecimento dos fundamentos para o estudo da variação linguística, ressalta as correlações existentes entre variáveis linguísticas e categorias sociais primárias, como classe socioeconômica, sexo, idade, escolaridade etc.; a segunda onda tem como característica o estudo etnográfico de populações mais localmente definidas; a terceira onda apresenta como foco a variação linguística como um recurso para a construção de significado social, pondo em cheque a delimitação das categorias selecionadas como relevantes pelos estudos da primeira onda (FREITAG, MARTINS e TAVARES, 2012).

Segundo Evans (2004), as redes sociais podem ser consideradas um sistema de relações pessoais com efeitos sobre os indivíduos ou como relações usadas pelas pessoas para atingir seus objetivos. Elas carregam a potencialidade de se estender sobre toda a sociedade, mas apresentam diferenças estruturais em duas dimensões: densidade (contatos dos indivíduos) e plexidade (conteúdo, multiplicidade de conexões). Já

segundo Freitag, Martins e Tavares (2012), comunidades de prática dizem respeito a agrupamentos de indivíduos que, ao dividirem perspectivas e objetivos em comum, traduzem este envolvimento em prática, em ações – que podem se desdobrar em usos específicos da língua.

3 INDEXICALIZAÇÃO E COMUNIDADES DE PRÁTICA

O fenômeno que pretendemos tratar aqui é bastante produtivo dentro da comunidade homossexual masculina observada, na qual percebemos o uso da expressão referencial *a bicha*, por exemplo, com as mais diversas funções sintáticas, como pode ser notado nos dados (1-3), o que indica um valor pronominal a essas expressões (cf. CARVALHO, 2016b).

- 1) A **bicha**_{1sg} foi ver o boy mas ele era uó.
- 2) A **bicha**_{2sg} tá fazendo o quê tão quietinha?
- 3) Eu vim só ver a **bicha**_{2sg} e ela me trata assim.

No entanto, para que o participante empreenda tal uso linguístico, é preciso haver um engajamento com algum grupo e conseqüente ressignificação dessas expressões. Se o indivíduo não deseja indexicalizar à sua fala a participação na(s) comunidade(s) de prática gay(s), é pouco provável que tais expressões sejam produtivas. A noção de indexicalização tratada nesta pesquisa depende de restrições contextuais, como discute Teixeira (2011, p. 164-166):

[o] termo ‘indexical’ foi usado primeiramente por Pierce (1902) para designar um tipo específico de sinal, aquele que tem uma relação direta ou real com seu objeto. Desde então, o termo, em filosofia e em semântica, foi ganhando contornos diferentes e atualmente engloba as

expressões que dependem do contexto para receber um valor semântico. A fim de restringir esse conceito devemos nos perguntar de qual contexto um termo indexical depende, já que contexto é um construto amplo cuja definição depende da teoria considerada, e também o que significa exatamente dependência contextual. [...] Grosso modo, o momento de proferimento das expressões indexicais inaugura o contexto relevante para a fixação de seu valor semântico e das proposições que os contêm.

Nossa proposta, por conseguinte, é uma fissura no significante “gay”. Se pensamos em estilo, participação e engajamento, esta comunidade de prática vê-se aberta à participação de pessoas que, inclusive, não são homossexuais. Uma *comunidade de prática* é um agregado de pessoas que se juntam para engajar-se em algum empreendimento comum. Na esteira desse engajamento, a comunidade de prática desenvolve meios para fazer coisas que se traduzem em práticas e essas práticas envolvem a construção de uma orientação compartilhada em relação ao mundo em volta – uma definição tácita que os indivíduos assumem um em relação ao outro e em relação a outras comunidades de prática (FREITAG, MARTINS e TAVARES, 2012, p. 923). *Gay*, portanto, torna-se identidade de gênero, e não apenas expressão afetiva/sexual. Contudo, a montagem do *corpus* considerou apenas homossexuais masculinos que, etnograficamente, frequentem algum dos três núcleos de Salvador.

Relacionando o conceito de indexicalização ao de comunidade de prática, podemos assumir que a dinâmica de filiação a uma dada comunidade funciona da seguinte forma:

- Uma população se torna saliente e certa característica da fala desta população pode chamar atenção; uma vez reconhecida, esta característica pode ser extraída de seus arredores linguísticos e tornar-se, por conta própria, índice de adesão àquela população;
- Tal índice pode ser usado por “forasteiros” (*outsiders*), i.e. falantes de outras populações, para evocar estereótipos associados a esta população;

- Atos lexicais desta natureza repetidos convencionam um novo signo, que em tal ponto torna-se disponível para movimentos indexais posteriores;
- Como resultado, a ordem indexical não é linear, mas pode progredir simultaneamente e através do tempo em múltiplas direções, estabelecendo um conjunto de significados relacionados.

Dessa forma, podemos assumir que cada uma das comunidades de prática analisadas neste trabalho é definida a partir da dinâmica descrita acima.

4 FILIAÇÃO E AUTOPERCEPÇÃO NAS COMUNIDADES DE PRÁTICA

A análise dos dados baseou-se na observação da filiação dos informantes em suas respectivas comunidades de prática, que foram inicialmente definidas geograficamente. Percebeu-se, entretanto, que a distribuição geográfica, uma das variáveis tradicionais da Sociolinguística Variacionista Laboviana, não é suficiente para definir as comunidades de prática observadas. A noção de indexicalização, portanto, é essencial para tal definição, pois na medida em que o falante faz uso de uma expressão como “bicha” em momentos específicos, ele inaugura um contexto relevante para a fixação de tal termo a um valor semântico. Este valor, para a terceira onda Sociolinguística, precisa ser compartilhado por pessoas engajadas em um empreendimento comum.

Analisamos, para este trabalho, uma entrevista sociolinguística e uma conversa entre amigos de dois informantes da cidade de Salvador, Bahia: o primeiro do núcleo Orla, que compreende a faixa entre os bairros da Barra e do Rio Vermelho, onde encontram-se bares e clubes de frequência da classe média soteropolitana e com frequência gay considerável; e o segundo do núcleo Centro, que envolve os bairros da Piedade, 2 de Julho e Campo Grande, e contém um número considerável de bares e algumas casas noturnas frequentadas por gays de vários níveis socioeconômicos, mas primordialmente da classe média-baixa, de acordo com a distribuição de renda do IBGE. Ambos os informantes encontram-se em uma faixa etária entre 18 e 25 anos e

apresentam discursos bem diferentes com relação ao engajamento na comunidade gay, tornando profícuo um estudo comparativo. Observamos ocorrências das expressões mencionadas anteriormente como identificadoras de indivíduos pertencentes a comunidades gays com valor positivo ([+empático]) apenas na produção linguística do primeiro informante, como ilustram os dados (4-6):

- 4) Já falei ‘mona, você vai’. (Inf01Op8112 – conversa entre amigos)³
- 5) Ar bicha de cima olhando assim ó ‘é tudo viado ali embaixo’. (Inf01Op8121 – conversa entre amigos)
- 6) ...e ainda tinha a outra gay que saiu porque ela transava com o namorado. (Inf01Op21130 – conversa entre amigos)

Assumimos que as diferentes seleções lexicais dos informantes, no que diz respeito à utilização pronominal das expressões em questão, deve-se às suas impressões com relação à filiação à(s) comunidade(s) de prática gay(s). Observemos os seguintes excertos:

7) [...] eu amo o ambiente boêmio que tem os bares {bate as mãos contra as coxas} do Rio Vermelho eu amo demais então você [...] que se identifica com essa parte eu acho que você deveria ir para o Rio Vermelho no Acarajé da Dinha e para você que gostaria de fazer uma amizade também eu acho que lá é bem é: é um lugar que [você] vai poder fazer uma amizade tão fácil, a interessante. (Inf01Op5137 – entrevista).

8) Bom, é hoje em dia eu tô selecionando mais eu já tive muitos amigos gays mas como o:: mundo... GLS é um pouco... é...assim...macabro, eu diria macabro porque é um descontando no outro {gesticula} é um querendo pegar namorado do outro é um com inveja do outro [...] por exemplo eu até poucos dias atrás eu ia no Campo Grande me divertia bastante, mas era aquela

³ As informações entre parênteses que seguem os dados dizem respeito às coordenadas de referência no banco de dados do projeto “A língua na diversidade: um estudo sociolinguístico de gays soteropolitanos” e significam: Inf01 – informante 1; Inf02 – informante 2; C – Região do Centro; O – Região da Orla; p – página em que consta o dado; l – linha inicial do dado na página referida.

coisa pacata você chega lá às sete horas da noite começa a juntar gays [...] fica todo mundo naquela praça do Campo Grande ali em frente ao TCA e... começam a conversar e de repente chega alguém com vinho [...] bebe aquilo ali fica bêbado logo alguns chega a se drogar outros até se estupram lá no meio [...]. (Inf01Cp5124 – entrevista).

O trecho em (7) foi retirado da entrevista sociolinguística do informante do núcleo Orla, e o em (8) retirado do informante do núcleo Centro. Em (7), o primeiro informante diz amar o ambiente boêmio e acredita que o Rio Vermelho, bairro localizado em uma região com poder socioeconômico médio-alto e onde se localizam a maioria dos bares e clubes da moda, é um local ideal para estabelecer amizades. Seu desejo de pertencimento nos possibilita perceber o engajamento e filiação de tal informante na comunidade. Já em (8), o segundo, por sua vez, seleciona um termo como “macabro” para descrever a comunidade do Centro, região naturalmente marginalizada nas grandes cidades no Brasil e que, especialmente em Salvador, agrega valor negativo a seus bares e casas noturnas, e explicita que está se desvinculando da comunidade gay quando diz que já teve mais amigos dentro dela, porém se tornou mais seletivo no que diz respeito aos seus vínculos.

Percebe-se uma diferença na maneira como, afetivamente, cada um deles se relaciona com a comunidade prática. O trecho em (9), também retirado da entrevista do informante do Centro, nos permite perceber, de maneira ainda mais elucidativa, como ele depreende o uso pessoal do termo “viado”:

9) [...] eu não ligo se alguém chegar pra mim e chamar de bê, de binho, de binha tal, **mas viado eu acho um palavrado muito ofensivo, né, é como... É como chegar pro negro e chamar de passo preto, como chamar o negro de... comé de... urubu coisa do tipo.** (Inf01Cp4135 – entrevista).

Assim, os resultados parciais evidenciam que o informante do núcleo Orla frequente, compõe e participa da comunidade de prática, desenvolve um sentimento positivo de pertencimento, e sua identidade se constrói, também, através de sua

produção linguística. Expressões como “mona”, “bicha” e “gay” são ressignificadas e passam, inclusive, a funcionar como pronomes de referência específica. O informante do Centro, por sua vez, desenvolve um sentimento negativo e, linguisticamente, não se sente confortável em articular a construção da sua *persona* a um termo como “viado”, por exemplo. Torna-se produtivo, portanto, explorar o traço [empatia] para refletir sobre a seleção lexical dos informantes. Assumiremos aqui que indexicalização é o que permite o falante associar valor positivo ou negativo, ou seja, associar o traço [+empatia] ou [-empatia], ao uso das referidas expressões, uma vez que, ao fazer uso de uma expressão com *bicha* em momentos específicos, ele inaugura um contexto relevante para a fixação de um termo a um valor semântico (CARVALHO, 2016a).

Kuno (1987, p. 206) define *empatia* como a identificação do falante, que pode variar em grau, com uma pessoa/coisa que participa de um evento ou estado que ele descreve em uma sentença. Segundo Lehmann e Moravcsik (2000, p. 734), em geral, o falante tem mais empatia com entidades que estão mais próximo dele e **são maximamente como ele**. Assim, a não-empatia pode também variar em grau, apresentando-se em forma de apatia até a forma de antipatia ou repulsa (CARVALHO, 2016a, p. 56) – o que é observado na maneira como o informante do núcleo Centro compreende a comunidade prática na qual, etnograficamente, parecia estar se engajando. Sua repulsa pelo comportamento dos sujeitos filiados à comunidade de prática do Centro está evidente na transcrição (8), especialmente no que diz respeito à interação entre os indivíduos e o consumo de drogas.

Observemos o seguinte excerto (10), extraído da entrevista do informante do núcleo Orla:

10) Olha só agora é brincadeira é: o que me motivou a s... me aceitar entrevistador {olhar irônico} foi é: desde cedo eu já me achava assim com gosto duvidoso {riso} então eu ficava reparando nas opiniões meus parentes em relações... em relação aos gays eu sempre fui bem atencioso em qualquer outro aspecto não somente de gays e tal então eu acho que: pra mim tem sempre uma tem sempre pessoas preconceituosas eu acho que na minha família também e vê esses comentários de preconceitos de... por todos os lados não só por familiares mas

amigos e tal eu ficava assim pensando isso tem que mudar isso tem que ser diferente num dá pras pessoas acharem que gay é só promiscuidade o que a maioria da... da... dos comentários que vêm à tona são dessa maneira então eu não me via como esse perfil então eu pensava não isso n... no... isso não condiz comigo e eu sou gay então isso foi uma... um dos motivos óbvio que também nós temos os ativistas e temos os artistas que apoiam os gays e... e eu citaria Lady Gaga como umas uma pess... uma das maiores ativistas do mundo LGBT ou GLS como queiram chamar e ela foi uma pessoa que me motiva até hoje a lutar contra os direitos a lutar para sobre os direitos dos gays [...]. (Inf01Op9119)

Através da leitura do trecho acima, é possível perceber que o processo de autopercepção do informante passou por um questionamento da narrativa que lhe chegava com relação à identidade gay – inclusive por parte de sua família. Marginalizar a comunidade LGBT é parte do agenciamento de gênero com o qual este indivíduo rompeu, desenvolvendo empatia pelo grupo e filiação ao núcleo Orla, como já exposto. Podemos assumir, portanto, que a seleção lexical do informante é uma postura empoderadora na medida em que assume uma identidade subalternizada – talvez parte da agenda comum aos outros participantes da comunidade de prática. O processo de autopercepção do informante do Centro, por sua vez, deu-se de maneira bastante diferente, como podemos observar em (11):

11) Sim, eu pra me aceitar foi bastante complicado principalmente porque eu sou católico praticante [...] e foi justamente numa conversa com um padre e outra conversa com um pastor que eu percebi...que...não tinha como mudar minha natureza [...]. (Inf01Cp313 – entrevista)

Logo, percebe-se que o informante do núcleo Centro, no seu processo de autopercepção, teve de se reportar a entidades historicamente contrárias às pautas LGBTs. Por mais que ele tenha se conformado a sua homossexualidade, o discurso cristão permanece em sua fala na medida em que ele condena as demonstrações públicas de afeto (ou até sexuais) dos integrantes do Centro, bem como o consumo de álcool. E isso acaba por se refletir nas escolhas lexicais do informante.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Blackless et al. (2000) estimam que cerca de 1% dos bebês nascem com características divergentes daquelas interpretadas como macho e fêmea. Essas crianças, para que se adequem às classificações de sexo biológico, frequentemente são submetidas a manipulações endócrinas e cirurgias de ordem estética, ou seja, mesmo algo que encaramos enquanto estritamente natural, recebe um tratamento culturalizado. Este dado ilustra o quanto a Agenda do Gênero se inscreve sobre os nossos corpos desde o momento do nascimento (ECKERT e MCCONNELL-GUINET, 2003).

Gênero, por conseguinte, não é algo com o qual nascemos ou algo que temos: é algo que performamos (BUTLER, 1990). Desde crianças, apreendemos como ser menino ou menina a partir das referências que nos são lançadas – da cor da roupa às brincadeiras permitidas. Conforme internalizamos essas informações, não só as reproduzimos como nos tornamos parte fundamental no agenciamento da performance de gênero de outras crianças. Adquirida certa independência dos nossos pais, torna-se importante que perguntar o nosso gênero não se faça necessário, pois este precisa ser um aspecto facilmente identificável de nossa persona. Outras identidades, inclusive a gay, são marginalizadas na medida em que não correspondem à expectativa hegemônica que atribui ao pênis uma identidade masculina, e à vagina uma identidade feminina. O gênero, portanto, não é natural, é construção social. Do contrário, por que se faria necessário que fôssemos agenciados a performá-lo?

A nossa proposta de rasura no significante “gay”, por consequência, dá-se com base na noção de Butler de que performamos gênero. A prática estilística, portanto, noção que tanto interessa à terceira onda Sociolinguística, é parte fundamental da maneira como os homossexuais masculinos constroem sua participação em um agregado de pessoas. Esta discussão é pertinente na medida em que nosso projeto se interessa pela produção linguística dos homossexuais

soteropolitanos levando em consideração sua identidade de gênero, sua performance. A seleção lexical dos informantes, por consequência, seria uma maneira consciente de indexalizarem, às suas falas, o pertencimento à comunidade de prática gay.

Os resultados parciais mostram que o informante que compõe e participa da comunidade de prática da Orla desenvolve um senso positivo de pertencimento [+empatia], e cuja identidade é construída também através de sua produção linguística. Expressões como *mona*, *viado* e *bicha* são indexalizadas e funcionam como expressões referenciais específicas. Já o informante da comunidade do Centro da cidade, por seu turno, desenvolve um sentimento negativo [-empatia] e, linguisticamente, não se sente confortável em articular a construção de sua persona a termos como *viado*.

Isso se deve, parcialmente, à marcação simbólica enquanto meio através do qual as práticas sociais ganham sentido: “[...] nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade” (WOODWARD, 2000, p. 56).

A indexicalização, por parte do informante 1, à comunidade de prática gay da Orla, rasura expectativas de gênero. No contexto social em que ele está inserido, sua experiência linguística, assim como o seu consumo e sua postura política, o posicionam em determinado lugar social e funcionam enquanto ferramentas através das quais ele forja sua identidade e ressignifica sua experiência.

REFERÊNCIAS

- BATTISTI, Elisa. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, R.M.K. (Org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados**. São Paulo: Edgar Blütcher, 2014, p. 36-40.
- BLACKLESS, Melanie; CHARUVA STRA, Anthony; DERRYCK, Amanda; FAUSTO-STERLING, Anne; LAUZANNE, Karl; LEE, Ellen. How sexually dimorphic are we? Review and synthesis. **American Journal of Human Biology**, 12, p. 151-166, 2000.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.



CARVALHO, D.S. Elementos para a gramaticalização de nego no português do Brasil. *Acta Semiótica et Linguística*, v. 21, p. 55-72, 2016a.

CARVALHO, D.S. **Person as a case of indexicalization in Brazilian Portuguese.** Handout. 49th Annual Meeting of the Societas Linguistica Europaea. University of Naples Federico II, Italy, September, 2106b.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic Theory.** Oxford: Blackwell, 1995.

CHESHIRE, J. Syntactic variation and beyond: gender and social class variation in the use of discourse-new markers. *Journal of Sociolinguistics*, Hoboken, v.9, n.4, p. 479-508, 2005.

ECKERT, P. **Linguistic Variation as social practice.** Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GUINET, Sally. **Language and gender.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, n.41, p. 87-100, 2012.

EVANS, B. The role of social network in the acquisition of local dialect norms by Appalachian migrants in Ypsilanti, Michigan. *Language Variation and Change*, v. 6, p. 153-167, 2004.

FREITAG, R.M.K.; MARTINS, M.A.; TAVARES, M.A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa*, São Paulo, n. 56, v. 3, p. 917-944, 2012.

KUNO S. **Functional syntax: Anaphora, discourse, and empathy.** Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: social factors.** Oxford: Blackwell, 2001.

LEHMANN, C.; MORAVCSIK, E.A. Noun. In Geert Booij et al. (eds.), **Morphology: An International Handbook.** Berlin: Walter de Gruyter, 2000, p. 732-756.

MENDES, R. B. Gênero/sexo, Variação linguística e intolerância. In: BARROS, D. L. P. de. (Org.). **Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas.** São Paulo: Mackenzie, 2011, p. 1-30.

PODESVA, R. J. Phonation type as a stylistic variable: the use of falsetto in constructing a persona. *Journal of Sociolinguistic*, Hoboken, v.11, pp.478-504, 2002.

TEIXEIRA, L. R. Indexicalidade no português brasileiro: uma análise Semântica baseada em mudanças de contexto. In: Dutra, L. H. de A.; Luz, A. M. (orgs.) **Linguagem, Ontologia e Ação.** Florianópolis: NEL/UFSC, v. 10, **Coleção Rumos da Epistemologia**, 2011, p. 164–179.

WODAK, R.; BENKE, G. Gender as a sociolinguistic variable: New perspectives on variation studies. In COULMAN, F. (org.). **The handbook of sociolinguistics.** Oxford: Blackwell, 1997.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: HALL, Stuart (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 7-72.

Recebido Para Publicação em 09 de novembro de 2016.
Aprovado Para Publicação em 30 de janeiro de 2017.